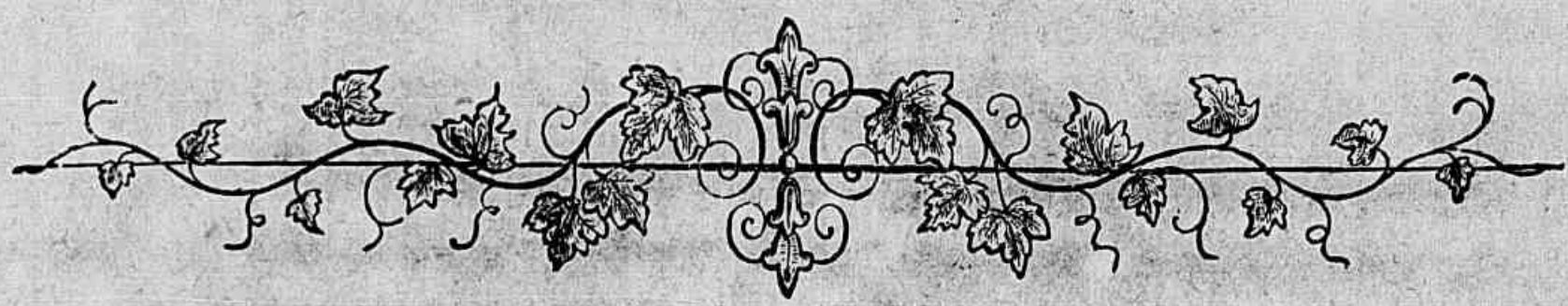


ERNESTO DE TAL.

FIM.

V.

idéa de Ernesto era ir rondar á porta da casa em que trabalhava o rapaz de nariz comprido, esperar que elle sahisse, approximar-se *casualmente* d'elle, e entabolar a conversa.

Eram quatro horas da tarde.

Em caminho foi Ernesto reflectindo na situação em que se achava; era-lhe impossivel continuar assim; uma vez casado, cessava tudo. Meios não tinha, mas a occasião era de sacrificio e de exforço; cumpria sahir da difficuldade o mais cedo que pudesse.

— Sim, dizia elle, isto deve acabar de uma vez. Dentro de quatro mezes estou casado, custe o que custar.

De repente porém veio-lhe á idéa o rival.

— Contanto que elle não esteja já a empatar-me as vasas, porque n'esse caso...

Um gesto terrivel completou esta phrase que os labios não tiveram animo de concluir.

Pouco tempo depois sahia de casa o rapaz de nariz comprido. Ernesto

aproximou-se casualmente d'elle. Comprimentáram-se com um sorriso que parecia uma careta, e ficáram alguns minutos a olhar um para o outro sem saber como sahir da difficuldade. Já o guarda-livros ia tirando o chapéo e despedindo-se, quando Ernesto lhe perguntou sorrindo :

— Vae hoje á rua do Conde?

— Talvez.

— A que horas?

— Não sei ainda. Porque?

— Iriamos juntos. Eu vou ás oito.

O rapaz de nariz comprido não respondeu.

— Para que lado vae? perguntou Ernesto depois de algum silencio.

— Vou ao Passeio Publico, se o senhor não fôr lá, respondeu resolutamente o rival.

Ernesto empallideceu.

— Quer assim fugir de mim?

— Sim, senhor.

— Pois eu não; desejo até que haja uma explicação entre nós. Espere... não me volte as costas. Saiba que eu tambem sou atrevido, menos de lingua ainda que de mão. Vamos, dê-me o braço e caminhemos ao Passeio Publico.

O rapaz de nariz comprido teve impetos de atracar-se com o rival e experimentar-lhe as forças; mas estavam n'uma rua commercial; todo o seu futuro voaria pelos ares. Preferio voltar-lhe as costas e seguir caminho. Executava já este plano, quando Ernesto lhe gritou :

— Venha cá, namorado sem ventura!

Sem ventura!

O pobre rapaz voltou-se rapidamente.

— Que diz o senhor? perguntou elle.

— Namorado sem ventura, repetio Ernesto cravando os olhos no rosto do rival a ver se lhe descobria uma confissão qualquer.

— É singular, replicou o rapaz de nariz comprido, é singular que o senhor me chame namorado sem ventura, quando ninguem ignora a triste figura que tem feito para obter as boas graças de uma moça que é minha...

— Sua!

— Minha!

— Nossa direi eu...

— Senhor!

O rapaz de nariz comprido engatilhou um socco; a segurança e tran-

quillidade com que Ernesto olhava para elle mudáram-lhe o curso das idéas. Podia ser que elle fallasse verdade; era melhor saber tudo. Uma exposição franca salvava-os. Pensou n'isto algum tempo, e disse, dando o braço a Ernesto :

— Vamos ao Passeio Publico.

Em caminho referíram os nossos dois rivaes tudo o que havia entre cada um d'elles e a moça; a descripção das contracções nervosas que a cara de ambos fazia a cada revelação nova, era digna e propria de um Homero. Ernesto tinha as faces afogueadas; o rapaz de nariz comprido estava pallido.

— Em summa, disse este descendo com o rival pela rua das Marrecas; fomos vilmente enganados.

— Fomos.

— Ambos temos-lhe amor...

— Creio que sim; pela minha parte não amei nunca assim... Que faremos?

Desprezal-a.

— Não basta, disse Ernesto com resolução; é necessario uma vingança exemplar. Não estou disposito a ser ludibriado por esse modo...

— Mas repare, disse o rapaz de nariz comprido, que vingança podemos nós tomar d'ella? Nenhuma. A verdadeira vingança é o desprezo... Ah! Rosina!

Esta exclamação já foi soltada no Passeio; só o guarda a ouvio. Os dois rivaes amigos caminháram longo tempo a fallar de si e d'ella; cada um d'elles tinha casualmente uma carta da namorada no bolso. Foram ambas lidas, e averiguada mais uma vez a perfidia da moça, que respondia aos dois com expressões de ternura e apaixonado amor.

Depois de uma hora de confissões mutuas e projectos de vingança, concordáram os dois rivaes amigos que a melhor desforra que podiam tomar d'ella, era mandar-lhe cada um d'elles uma carta de igual theor, declarando-lhe que se recusavam ao casamento e se despediam d'ella.

Assim se fez.

No dia seguinte estava Rosina em casa muito socegada e longe de esperar o golpe; e até forjando planos de futuro, que por agora tinham base no rapaz de nariz comprido, quando o moleque lhe appareceu com duas cartas.

— Nhanhã Rosina disse elle baixinho.

— Que é?

— Aqui está uma carta de senhô Ernesto, e esta outra...

— Que! exclamou a moça; os dois...

— Não, explicou o moleque; um estava na esquina de cima, outro na esquina de baixo. Ó gentes! pois eu não hei de saber como se arranja isto?

E fazendo tinir no bolso alguns cobres que os dois rivaes lhe haviam dado, o moleque deixou a senhora moça ler á vontade as duas missivas.

A primeira que abrio foi a de Ernesto.

Dizia assim:

« Senhora!

« Hoje que tenho certeza de que a senhora é uma perfida, certeza que já nada me póde arrancar do espirito, tomo a liberdade de lhe dizer que está livre e eu rehabilitado.

« Basta de humilhações!

« Pude dar-lhe credito em quanto lhe era possivel enganar-me.

« Agora...

« Adeus para sempre! »

Rosina levantou os hombros ao ler esta carta; e abrio rapidamente a do rapaz de nariz comprido.

E leu:

« Senhora!

« Hoje que tenho a certeza de que a senhora é uma perfida, certeza que já nada pôde... »

D'aqui para diante foi crescendo a surpreza. Ambos se despediam; ambos por igual theor. Logo, tinham descoberto tudo um ao outro. Não havia meio de reparar nada; tudo estava perdido!

Rosina não continuava chorar. Empregava ás vezes alhos, para os fazer vermelhos, quando havia necessidade de mostrar a um namorado que se resentia de alguma cousa. D'esta vez porêm chorou devéras; não de magoa, mas de raiva. Triumphavam ambos os rivaes; ambos lhe fugiam, e lhe davam de commum accordo o ultimo golpe. Não havia resistir; entrou-lhe na alma o desespero. Por desgraça não havia no horisonte a mais ligeira vela. O primo a quem alludimos n'um dos capitulos anteriores, andava com idéas a respeito de outra moça, e idéas já conjugaes. Ella mesma descuidára o seu systema durante os ultimos trinta dias deixando sem resposta alguns olhares interrogadores. Estava pois abandonada de Deus e dos homens.

VI.

Um mez depois, estando Ernesto em casa a conversar com o companheiro e mais dois amigos, um dos quaes era o rapaz de nariz comprido, ouvio bater palmas. Foi á escada; era o moleque da rua Nova do Conde.

— Que me queres? disse elle com ar severo porque suspeitava que o moleque viesse pedir-lhe dinheiro.

— Venho trazer isto, disse o moleque baixinho.

E tirou do bolso uma carta que entregou a Ernesto.

A primeira idéa de Ernesto foi recusar a carta e pôr o moleque a pontapés pela escada abaixo; mas o coração disse-lhe *uma cousa*, como elle mesmo confessou depois. Estendeu a mão, recebeu a carta, abrio-a e leu-a.

Dizia assim:

« Ainda uma vez curvo-me ás tuas injustiças. Estou cançada de chorar. Não posso mais viver debaixo da acção de uma calumnia. Vem ou eu morro! »

Ernesto esfregou os olhos; não podia crer no que acabava de ler. Seria um novo ardil ou a expressão da verdade? Ardil podia ser; mas Ernesto attentou bem e pareceu-lhe ver o signal de uma lagrima. Evidentemente a moça chorára. Mas se chorára é porque soffria; e n'esse caso...

N'estas e n'outras reflexões gastou Ernesto cerca de oito a dez minutos. Não sabia que resolvesse. Acudir ao chamado de Rosina era esquecer a perfidia com que ella se houve amando a outro em cujas mãos vira até uma carta d'ella. Mas não ir podia ser contribuir para a morte de uma creatura que, ainda quando não tivesse sido amada por elle, merecia os seus sentimentos de humanidade.

— Diga que lá irei logo, respondeu emfim Ernesto.

Quando voltou para a sala trazia o rosto mudado. Os amigos repararam na mudança e procuráram descobrir-lhe a causa.

— Algum credor, dizia um.

— Não lhe trouxeram dinheiro, accrescentava outro.

— Namoro novo, opinava o companheiro de casa.

— É tudo isso talvez, respondia Ernesto com um modo que queria ser alegre.

De tarde preparou-se Ernesto e deitou a andar para a rua Nova do Conde. Dez ou doze vezes parou resolvido a voltar; mas um minuto de

reflexão tirava-lhe os escrupulos e o rapaz proseguia em seu caminho.

— Ha mysterio n'isto tudo, dizia elle comsigo e relendo a carta de Rosina. É certo que elle me revelou tudo, e até me leu cartas; n'isto não ha que duvidar. Rosina é culpada; enganou-me; namorava a outro, dizendo-me que só me amava a mim? Mas porque esta carta? Se ella amava ao outro porque lhe não escreve? Investiguemos tudo isto.

A ultima hesitação do pobre rapaz foi ao entrar na rua Nova do Conde; seu espirito vacilou d'essa vez mais que nunca. Dez minutos gastou em passinhos ora para traz, ora para diante, sem assentar n'uma cousa definitiva. Afinal deitou o coração á larga e seguio afoutamente a senda que o destino parecia indicar-lhe.

Quando chegou á casa de Vieira, estava Rosina na sala com a tia; Ernesto entrou com uma cara que eu não desejo a nenhum dos leitores. A moça teve um movimento de alegria; mas, tanto quanto Ernesto pôde examinar-lhe as feições, a alegria não foi tal que pudesse disfarçar-lhe os sulcos das lagrimas. O que é certo é que um véo de melancolia parecia envolver os olhos travessos da bella Rosina. Nem já eram travessos; estavam desmaiados ou mortos.

— Oh! alli está a innocencia! disse Ernesto comsigo.

Ao mesmo tempo, envergonhado por esta opinião tão benevolente, e lembrando-se das revelações do rapaz de nariz comprido, Ernesto assumio um ar severo e grave, menos de namorado que de juiz, menos de juiz, que de algoz.

Rosina cravou os olhos no chão.

A tia da moça perguntou a Ernesto as causas da sua ausencia tão prolongada. Ernesto allegou muito trabalho e alguma doença, as primeiras desculpas que occorrem a todo o homem que não tem desculpa. Trocadas mais algumas palavras, sahio a tia da sala para ir dar umas ordens, tendo chamado previa e disfarçadamente o Juquinha para ficar na sala. Juquinha porém trepou n'uma cadeira e poz-se á janella; os dois tiveram tempo para explicações.

A situação era esquerda; mas não se podia perder tempo. Bem o comprehendeu Rosina, que rompeu logo n'estas palavras:

— Não tem remorsos?

— De que? perguntou Ernesto espantado.

— Do que me fez?

— Eu?

— Sim, abandonando-me sem uma explicação. A causa adivinho eu qual é; alguma nova suspeita, ou antes alguma calumnia...

— Nem calumnia, nem suspeita, disse Ernesto depois de um momento de silencio; mas só verdade.

Rosina suffocou um grito; seus labios pallidos e tremulos quizeram murmurar alguma cousa, mas não puderam; dos olhos rebentáram-lhe duas grossas lagrimas.

Ernesto não podia vel-a chorar; por mais cheio de razões que estivesse, em vendo lagrimas curvava-se logo e pedia-lhe perdão. D'esta vez porém era impossivel que tão depressa voltasse ao antigo estado. As revelações do rival estavam ainda frescas na memoria.

Curvou-se, entretanto, para a moça e pedio-lhe que não chorasse.

— Que não chore! disse ella com voz lacrimosa. Pede-me que não chore quando eu vejo fugir-me a felicidade das mãos, sem ao menos merecer a sua estima, porque o senhor despreza-me; sem ao menos saber o que é essa calumnia para desmentil-a ou desmascaral-a...

— É capaz d'isso? perguntou Ernesto com fogo. É capaz de confundir a calumnia?

— Sou, disse ella com um magnifico gesto de dignidade.

Ernesto expoz em resumo a conversa que tivera com o rapaz de nariz comprido, e concluio dizendo que vira uma carta d'ella. Rosina ouvio calada a narração; tinha o peito offegante; sentia-se a commoção que a dominava. Quando elle acabou, soltou uma torrente de lagrimas.

— Meu Deus! disse baixinho Ernesto, podem ouvil-a.

— Não importa, exclamou a moça; estou disposta a tudo...

— Diga-me, pode negar o que lhe acabo de contar?

— Tudo, não; alguma cousa é verdade, respondeu ella com voz triste.

— Ah!

— A promessa de casamento é mentira; não houve mais que duas cartas, duas apenas, e isso... por sua culpa...

— Por minha culpa! exclamou Ernesto tão assombrado como se acabasse de ver um dos castiçaes a dansar.

— Sim, repetio ella, por sua culpa. Não se lembra? Tinha-se arrufado uma vez comigo, e eu... foi uma loucura... para metel-o em brios, para vingar-me... que loucura!... correspondi ao namoro d'aquelle individuo sem educação... foi demencia minha, bem vejo... Mas que quer? eu estava despeitada...

— Oh! basta! basta! disse Ernesto comprehendendo tudo e cahindo em si. Vejo tudo claro; a culpa foi minha; eu só fui culpado; perdôo-te a leviandade; não! não! tu es que me deves perdoar...

E foi por este theor fazendo um longo discurso de contrição, interrompido infelizmente pela tia de Rosina.

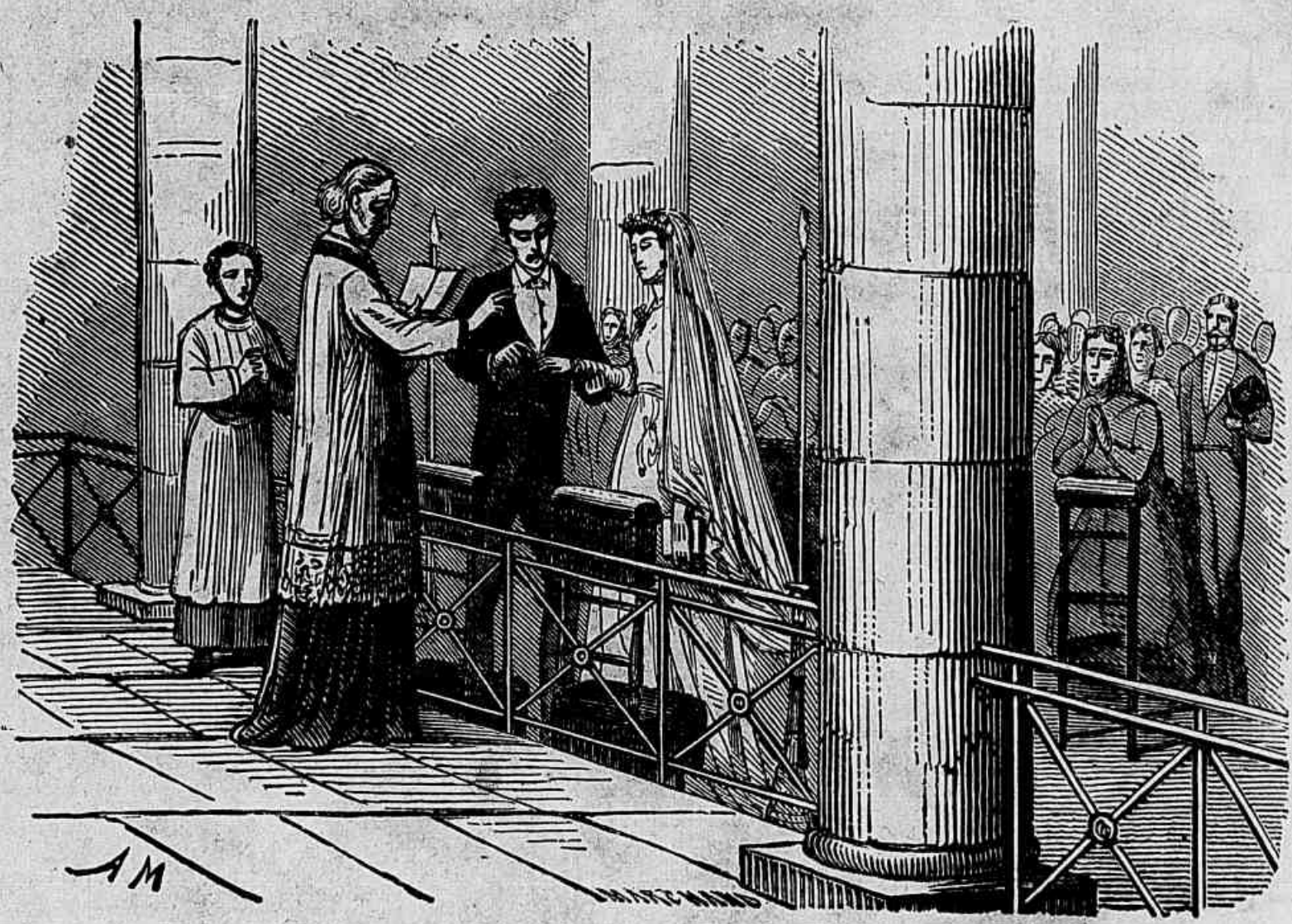
As pazes estavam feitas.

É inutil dizer que Ernesto não pôde olhar para o rapaz de nariz comprido sem um ar de desprezo misturado de commiseração. Não brigáram todavia; pelo contrario, dois annos depois, estando já Ernesto casado com Rosina, encontramos os dois rivaes associados n'um armarinho. Dão-se perfeitamente. O rapaz de nariz comprido é padrinho de um filho de Ernesto.

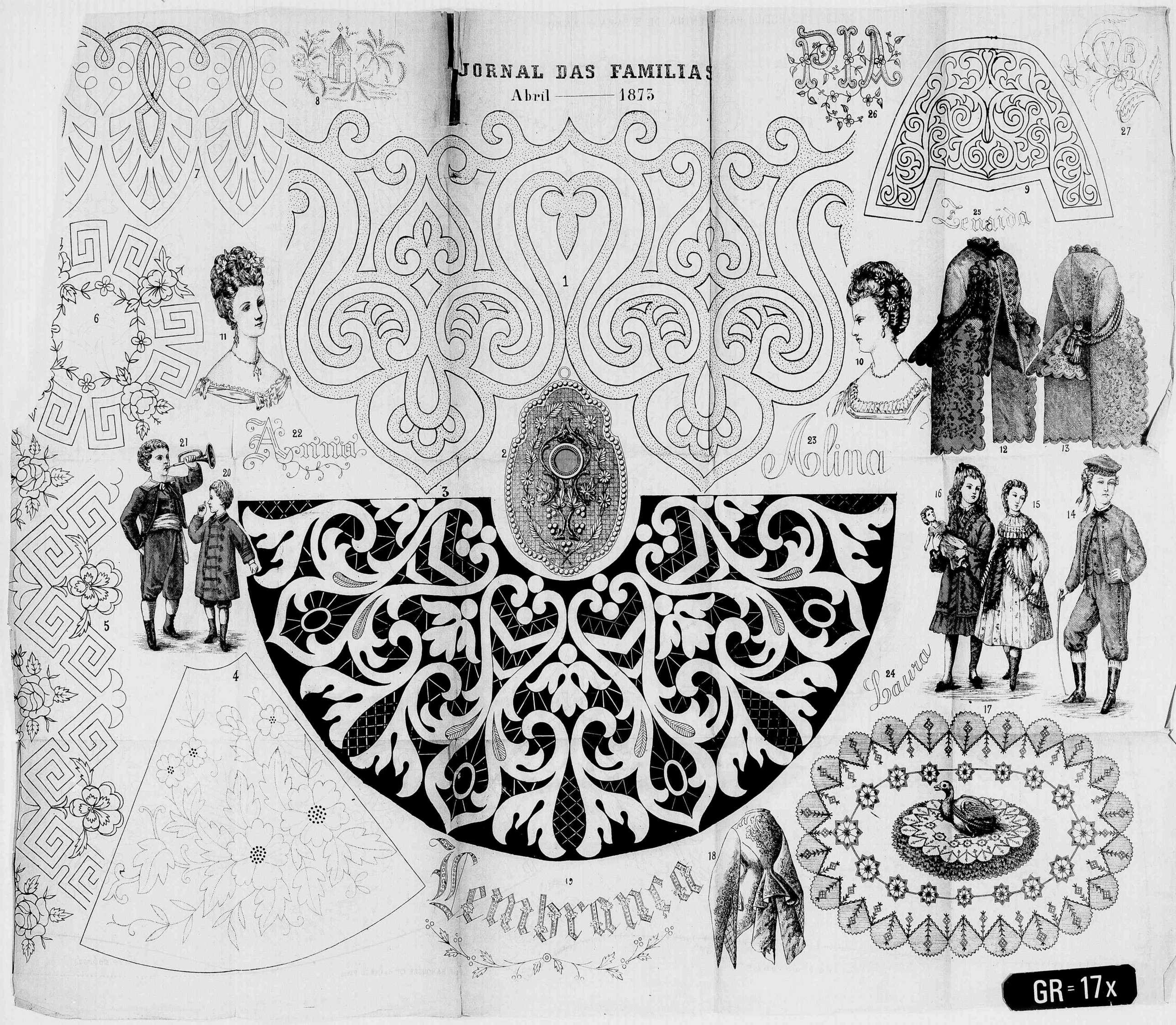
— Porque não te casas? diz Ernesto ás vezes ao seu socio, amigo e compadre.

— Nada, meu amigo, responde o rapaz de nariz comprido; eu já agora morro solteiro.

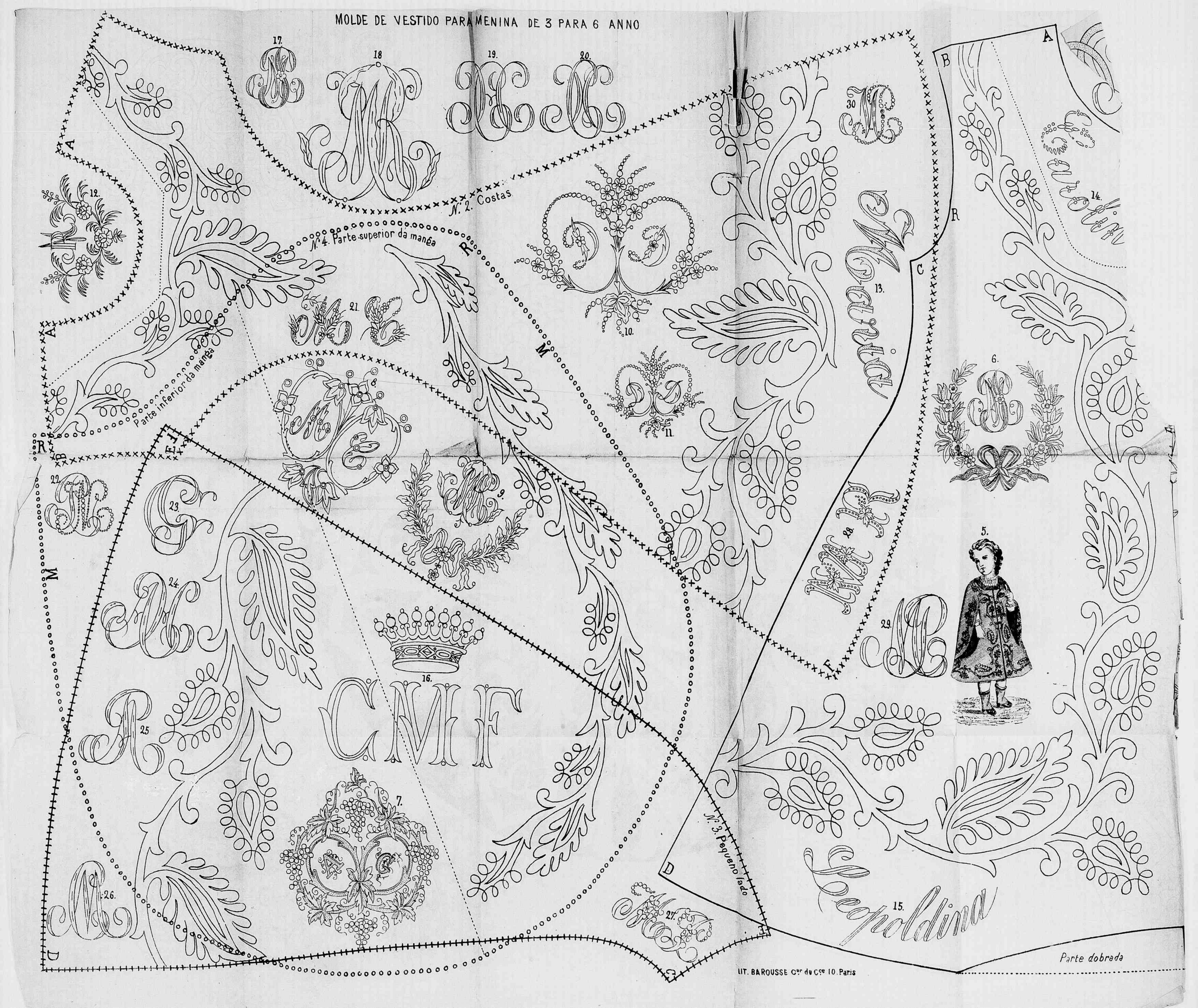
JOB.



JORNAL DAS FAMILIAS
Abril —— 1875



MOLDE DE VESTIDO PARA MENINA DE 3 PARA 6 ANNO



TEMPO DE CRISE.

---

ueres tu saber meu rico irmão, a noticia que achei no Rio de Janeiro, apenas puz pé em terra? Uma crise ministerial. Não imaginas o que é uma crise ministerial na cidade fluminense. Lá na provincia chegam as noticias amortecidas pela distancia, e alem d'isso completas; quando sabemos de um ministerio defunto, sabemos logo de um ministerio recemnado. Aqui a cousa é diversa; assiste-se á morte do agonisante, depois ao enterro, depois ao nascimento do outro, o qual muitas vezes, graças ás difficuldades politicas, só vem á luz depois de uma operação cesariana.

Quando desembarquei estava o C... á minha espera na praia dos Mineiros, e as suas primeiras palavras forão estas:

— Cahio o ministerio!

Tu sabes que eu tinha razões para não gostar do gabinete, depois da questão de meu cunhado, de cuja demissão ainda ignoro a causa. Todavia, senti que o gabinete morresse tão cedo, antes de dar todos os seus fructos, principalmente quando o negocio do meu cunhado era justamente o que me trazia cá. Perguntei ao C... quem eram os novos ministros.

— Não sei, respondeu; nem te posso affirmar se os outros cahíram;

mas desde manhã não corre outra cousa. Vamos saber noticias. Queres comer?

— Sem duvida, respondi; vou residir no hotel da Europa, se houver lugar.

— Ha de haver.

Seguimos para o hotel da Europa que é na rua do Ouvidor; lá me deram um aposento e um almoço. Accendemos charutos e sahimos.

Á porta perguntei-lhe eu:

— Onde saberemos noticias?

— Aqui mesmo na rua do Ouvidor.

— Pois então na rua do Ouvidor é que?...

— Sim; a rua do Ouvidor é o lugar mais seguro para saber noticias. A casa do Montinho ou do Bernardo, a casa do Desmarais ou do Garnier, são verdadeiras estações telegraphicas. Ganha-se mais em estar ahi commodamente sentado do que em andar pela casa dos homens da situação.

Ouvi silenciosamente as explicações do C... e segui com elle até um pasmatorio politico, onde apenas encontrámos um sujeito fumando, e conversando com o caixeiro.

— A que horas esteve ella aqui? perguntava o sujeito.

— Ás dez.

Ouvimos estas palavras entrando. O sujeito calou-se immediatamente e sentou-se n'uma cadeira por traz de um mostrador, batendo com a bengala na ponta do botim.

— Trata-se de algum namoro, não? perguntei eu baixinho ao C...

— Curioso! respondeu me elle; naturalmente é algum namoro, tens razão; alguma rosa de Cythera.

— Qual! disse eu.

— Porque?

— Os jardins de Cythera são francos; ninguem espreita as rosas por fóra...

— Provinciano! disse o C... com um d'aquelles sorrisos que só elle tem; tu não sabes que, estando as rosas em meda, ha certa honra para o jardineiro... Anda sentar-te.

— Não; fiquemos um pouco á porta; quero conhecer esta rua de que tanto se falla.

— Com razão, respondeu o C... Dizem de Shakspeare que, se a humanidade perecesse, elle só poderia compôl-a, pois que não deixou intacta uma fibra sequer do coração humano. *Applico el cuento.* A rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia, pode a furia celeste

destruir a cidade; se conservar a rua do Ouvidor, conserva Noé, a familia e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as idéas...

— Continua, meu Virgilio.

— Pois vae ouvindo, meu Dante. Queres ver a elegancia fluminense? Aqui acharás a flor da sociedade, — as senhoras que vem escolher joias ao Valais ou sedas a Notre-Dame, — os rapazes que vem conversar de theatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da politica? Aqui saberás das noticias mais frescas, das evoluções proximas, dos acontecimentos provaveis; aqui verás o deputado actual com o deputado que foi, o ministro defunto e ás vezes o ministro vivo. Vês aquelle sujeito? é um homem de lettras. D'este lado, vem um dos primeiros negociantes da praça. Queres saber do estado do cambio? Vae alli ao *Jornal do Commercio*, que é o *Times* de cá. Muita vez encontrarás um coupé á porta de uma loja de modas: é uma Ninon fluminense. Vês um sujeito ao pé d'ella, dentro de loja, dizendo um galanteio? Pode ser um diplomata. Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operario para aqui tambem para ter o prazer de contemplar durante alguns minutos uma destas vidraças rutilentes de riqueza, — por quanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom comsigo, — é que a simples vista consola.

Sahio-me o C... tamanho philosopho que me espantou. Ao mesmo tempo agradeci ao céo tão precioso encontro. Para um provinciano, que não conhece bem a capital, é uma felicidade encontrar um Cicerone intelligente.

O sujeito que estava dentro chegou á porta, demorou-se alguns instantes, e sahio acompanhado por outro, que então passava.

— Cançou de esperar, disse eu.

— Sentemo-nos.

Sentámo-nos.

— Falla se então de tudo aqui?

— De tudo.

— Bem e mal?

— Como na vida. É a sociedade humana em ponto pequeno. Mas por em quanto o que nos importa é a crise; deixemos de moralisar...

Interessava-me tanto a conversa, que pedi ao C... a continuação das suas lições, tão necessarias a quem não conhecia a cidade.

— Não te illudas, disse elle, a melhor lição d'este mundo não vale um

mez de experiencia e de observação. Abre um moralista; encontrarás excellentes analyses do coração humano; mas se não fizeres a experiencia por ti mesmo pouco te valerá o teres lido. Larochefoucault aos vinte annos faz dormir; aos quarenta é um livro predilecto...

Estas ultimas palavras reveláram no C... um d'esses individuos doentes que andam a ver tudo côr da morte e do sangue. Eu que vinha para divertir-me, não qùeria estar a braços com um segundo volume de nosso padre Thomé, especie de Timon christão, a quem darás a ler esta carta, acompanhada de muitas lembranças minhas.

— Sabes que mais? disse eu ao meu Cicerone, vim para divertir-me, e por isso acho-te razão; tratemos da crise. Mas por em quanto nada sabemos, e...

— Aqui vem o nosso Abreu, que ha de saber alguma cousa.

O Dr. Abreu que entrou n'esse momento, era um homem alto e magro, longo bigode, collarinho em pé, paletó e calças azues. Fomos apresentados um ao outro. O C... perguntou-lhe o que sabia da crise.

— Nada, respondeu mysteriosamente o Dr. Abreu; apenas ouvi hontem de noite que os homens não se entendiam...

— Mas eu já hoje ouvi dizer na praça que havia crise formal, disse o C...

— É possivel, disse o outro. Sahi agora mesmo de casa, e vim logo para aqui... Houve camara?

— Não.

— Bem; isso é um indicio. Estou capaz de ir á camara...

— Para que? Aqui mesmo saberemos.

O Dr. Abreu tirou um charuto de uma charuteira de maroquim encarnado, e fitando muito os olhos no chão, como quem está seguindo um pensamento, accendeu quasi machinalmente o charuto.

Soube depois que era um meio inventado por elle para não offerecer charutos aos circumstantes.

— Mas que lhe parece? perguntou-lhe o C... passado algum tempo.

— Parece-me que os homens cahem. Nem podia deixar de ser assim. Ha mais de um mez que andam brigados.

— Mas porque? perguntei eu.

— Por varias cousas; e a principal é justamente a presidencia da sua provincia...

— Ah!

— O ministro do imperio quer o Valladares, e o da fazenda insiste pelo Robim. Hontem houve conselho de ministros, e o do imperio apre-

sentou definitivamente a nomeação do Valladares... Que faz o collega?

— Ora, vivam! Então já sabem da crise?

Esta pergunta era feita por um sujeito que entrou pela loja mais rapido que um foguete. Trazia na cara uns ares de gazeta noticiosa.

— Crise formal? perguntamos todos.

— Completa. Os homens brigáram hontem de noite; e foram hoje de manhã a S. Christovão...

— É o que eu dizia, observou o Dr. Abreu.

— Qual o verdadeiro motivo da crise? perguntou o C...

— O verdadeiro motivo foi uma questão da guerra.

— Não creia n'isso!

O Dr. Abreu disse estas palavras com um ar de tão altiva convicção, que o recem chegado replicou um pouco enfiado:

— Sabe então o verdadeiro motivo mais do que eu que estive com o cunhado do ministro da guerra?

A replica pareceu decisiva; o Dr. Abreu limitou-se a fazer aquelle gesto com que a gente costuma dizer: Pode ser...

— Seja qual for o motivo, disse o C..., a verdade é que temos crise ministerial; mas será acceita a demissão?

— Eu creio que é, disse o Sr. Ferreira (era o nome do recem-chegado).

— Quem sabe?

Ferreira tomou a palavra:

— A crise era prevista; eu ha mais de quinze dias annunciei alli em casa do Bernardo, que a crise não podia deixar de estar imminente. A situação não podia prolongar-se; se os ministros não concordassem, a camara os obrigaria a sahir. Já a deputação da Bahia tinha mostrado os dentes, e até sei (posso dizel-o agora) sei que um deputado do Ceará estava para apresentar uma moção de desconfiança...

Ferreira disse estas palavras em voz baixa, com o ar mysterioso que convem a certas revelações. N'essa occasião ouvimos um carro. Corremos á porta; era effectivamente um ministro.

— Mas então não estão todos em S. Christovão? observou o C...

— Este vae naturalmente para lá.

Ficámos á porta; e o grupo foi-se pouco a pouco augmentando; antes de um quarto de hora eramos oito. Todos fallavam na crise; uns sabiam a cousa de fonte certa; outros por ouvir dizer. O Ferreira sahio pouco depois dizendo que ia á camara saber o que havia de novo. N'essa occasião appareceu um desembargador e indagou se era exacto o que se dizia relativamente á crise ministerial.

Affirmámos que sim.

— Qual seria a causa? perguntou elle.

O Abreu, que dera antes como causa a presidencia lá da provincia, declarou agora ao desembargador que uma questão da guerra produzíra o desaccordo entre os ministros.

— Está certo d'isso? perguntou o desembargador.

— Certissimo; soube-o hoje mesmo do cunhado do ministro da guerra.

Nunca vi maior facilidade em mudar de opinião, nem maior descaro em colher os affirmações alheias. Interroguei depois o C... que me respondeu:

— Não te espantes; em tempo de crise é sempre bem mostrar que se anda bem informado.

Dos presentes eram quasi todos opposicionistas, ou pelo menos faziam côro com o Abreu, que fazia diante do cadaver ministerial o papel de Bruto diante do cadaver de Cesar. Alguns defendiam a victima, mas como se defende uma victima politica, sem grande calor nem excessiva paixão.

Cada personagem novo trazia uma confirmação ao trato; já não era trato; evidentemente havia crise. Grupos de politicos e politicões estavam parados ás portas das lojas, conversando animadamente. De quando em quando surgia ao longe um deputado. Era logo cercado e interrogado; e só se colhia a mesma cousa.

Vimos ao longe um homem de 35 annos, meão na altura, suissas, luneta-pensil, olhar profundo, acompanhando uma influencia politica.

— Graças a Deus! agora vamos ter noticias frescas, disse o C... Alli vem o Mendonça; ha de saber alguma cousa.

A influencia politica não pôde passar de outro grupo; o Mendonça veio ao nosso.

— Venha cá; você que lambe os vidros por dentro ha de saber o que ha?

— O que ha?

— Sim.

— Ha crise.

— Bem; mas os homens sahem ou ficam?

Mendonça sorrio, depois ficou serio, corrigio o laço da gravata, e murmurou um: *não sei;* assaz parecido com um: *sei de mais.*

Olhei attentamente para aquelle homem que parecia estar senhor dos segredos do Estado, e admirei a discrição com que os occultava de nós.

— Diga o que sabe, Sr. Mendonça, disse o desembargador.

— Eu já disse a V. Ex. o que ha, interrompeu o Abreu; pelo menos tenho razão para affirmal-o. Não sei o que sabe lá o Sr. Mendonça, mas creio que não estará comigo...

Mendonça fez um gesto de quem ia fallar. Foi cercado por todos. Ninguem ouvio com mais attenção o oraculo de Delphos.

— Sabem que ha crise; a causa é muito secundaria, mas a situação não podia prolongar-se.

— Qual é a causa?

— A nomeação de um juiz de direito.

— Só!

— Só.

— Já sei o que é, disse Abreu sorrindo. Era negocio pendente ha muitas semanas.

— Foi isso. Os homens lá foram ao paço.

— Será acceita a demissão? perguntei eu.

Mendonça abaixou a voz:

— Creio que é.

Depois apertou a mão ao desembargador ao C... e ao Abreu e retirou-se com a mesma satisfação de um homem que acaba de salvar o Estado.

— Pois, senhores, eu creio que esta versão é a verdadeira. O Mendonça anda informado.

Passa defronte um sujeito.

— Anda cá, Lima, gritou Abreu.

O Lima aproximou-se.

— Estás convidado para o ministerio?

— Estou; você quer alguma pasta?

Não penses que este Lima era alguma cousa; o dito de Abreu era um gracejo que se renova em todas as crises.

A unica preoccupação do Lima eram umas senhoras que passavam. Ouvi dizer que eram as Valladares, — a familia do indigitado presidente. Paráram á porta da loja, conversáram alguma cousa com o C... e o Lima, e seguíram viagem.

— São lindas estas moças, disse um dos circumstantes.

— Eu era capaz de as nomear para o ministerio.

— Sendo eu presidente do conselho.

— Tambem eu.

— A mais gorda devia ser ministro da marinha.

— Porque?

— Porque parece mesmo uma fragata.

Ligeiro sorriso accolheu este dialogo entre o desembargador e o Abreu.

Vio-se ao longe um carro.

— Quem será? Algum ministro?

— Vejamos.

— Não; é a A...

— Como vae bonita!

— Podera!

— Ella já tem carro?

— Ha muito tempo.

— Olhem, alli vem o Mendonça.

— Vem com outro. Quem é?

— É um deputado.

Passáram os dois juntos de nós. O Mendonça não nos comprimentou; ia conversando baixinho com o deputado.

Houve outra tregoa na conversa politica. E não te admires. Nada mais natural do que entremear aqui uma discussão sobre crise politica com as sedas de uma dama do tom.

Finalmente surgio de longe o já citado Ferreira.

— Que ha? perguntamos quando elle chegou.

— Foi acceita a demissão.

— Quem é o chamado?

— Não se sabe.

— Porque?

— Dizem que os homens ficam com as pastas até segunda feira.

Dizendo estas palavras, o Ferreira entrou, e foi sentar-se. Outros o imitáram; alguns se foram embora.

— Mas donde sabe isso? disse o desembargador.

— Soube na camara.

— Não me parece natural.

— Porque?

— Que força moral deve ter um ministerio já demittido e occupando as pastas?

— Realmente, a cousa é singular; mas eu ouvi ao primo do ministro da fazenda.

Ferreira tinha a particularidade de andar informado pelos parentes dos ministros; pelo menos, assim o dizia.

— Quem será chamado?

— Naturalmente o N...

— Ou o P...

— Já hoje de manhã se dizia que era o K...

Entrou o Mendonça; o caixeiro deu-lhe uma cadeira, e elle sentou-se ao lado do Lima, que n'esse momento descalçava as luvas, ao mesmo tempo que o desembargador offerecia rapé aos circumstantes.

— Então, Sr. Mendonça, quem é o chamado? perguntou o desembargador.

— O B...

— Com certeza?

— É o que se diz.

— Eu ouvi que só na segunda feira se organisará ministerio novo.

— Qual! insistio Mendonça; affirmo-lhe que o B... foi ao paço.

— Vio-o?

— Não; mas disserão m'o.

— Pois acredite que até segunda feira...

A conversa ia-me interessando; eu já tinha esquecido o interesse que ligava á mudança dos ministros, para attender simplesmente ao que se passava diante de mim. Não imaginas o que é formar um ministerio na rua antes que elle esteja formado no paço.

Cada qual expoz a sua conjectura; varios nomes foram lembrados para o poder. Ás vezes apparecia um nome contra o qual se apresentavam objecções; então replicava o autor da combinação:

— Está enganado; pode o F... ficar com a parta da justiça, o M... com a da guerra, K... marinha, T... obras publicas, V... fazenda, X... imperio, e C... estrangeiros.

— Não e possivel; o V... é que deve ficar com a pasta de estrangeiros.

— Mas o V... não pode entrar n'essa combinação.

— Porque?

— É inimigo do F...

— Sim; mas a deputação da Bahia?

Aqui coçava o outro a orelha.

— A deputação da Bahia, respondia elle, pode ficar bem mettendo o N...

— O N... não acceita.

— Porque?

— Não quer ministerio de transição.

— Chama a isto ministerio de transição?

— Pois que é mais?

Este dialogo em que todos tomavam parte, inclusive o C..., e que era repetido sempre que um dos circumstantes apresentava uma combinação nova, foi interrompido pela chegada de um deputado.

D'esta vez iamos ter noticias frescas.

Effectivamente soubemos pelo deputado que o V... tinha sido chamado ao paço e estava organisando gabinete.

— Que dizia eu? exclamou Ferreira. Nem era de ver outra cousa. A situação é do V...; o seu ultimo discurso foi o que os Francezes chamam *discurso-ministro*. Quem são os outros?

— Por ora, disse o deputado, só ha dois ministros na lista: o da justiça e o do imperio.

— Quem são?

— Não sei, respondeu o deputado.

Não me foi difficil ver que o homem sabia, mas era obrigado a guardar segredo. Comprehendi que aquelle é que lambia os vidros por dentro, expressão muito usada em tempo de crise.

Houve um pequeno silencio. Conjecturei que cada qual estivesse a adivinhar quem seria os nomeados; mas, se alguem os descobrio, não os nomeou.

O Abreu dirigio-se ao deputado.

— V. Ex. acredite que o ministerio fique organisado hoje?

— Creio que sim; mas d'ahi pode ser que não...

— A situação não é boa, observou Ferreira.

— Admira-me que V. Ex. não seja convidado...

Estas palavras, n'aquella occasião inconvenientes, foram pronunciadas pelo Lima, que trata a politica, como trata as mulheres e os cavallos. Cada um de nós procurou disfarçar o effeito de semelhante tolice, mas o deputado respondeu direitamente á pergunta:

— Pois não me admira nada isso; deixo o lugar aos competentes. Estou prompto a servir como soldado... Não passo d'isso.

— Perdão, é muito digno!

Entrou um homem esbaforido. Fiquei, sorpreso. Era um deputado. Olhou para todos, e dando com os olhos no collega, disse:

— Podes dar-me uma palavra?

— Que é? perguntou o deputado levantando-se.

— Vem cá.

Foram até á porta, depois despediram-se de nós e seguíram apressadamente para cima.

— Estam ambos ministros, exclamou Ferreira.

— Acredita? perguntei eu?

— Sem duvida.

Mendonça foi da mesma opinião; e foi a primeira vez que o vi adoptar uma opinião alheia.

Eram duas horas da tarde quando sahiram os dois deputados. Anciosos por saber mais noticias, sahimos todos e descemos a rua vagarosamente. Grupos de quatro e cinco se entretinham com a assumpto do dia. Paravamos; combinavamos as versões; mas não rectificavam as dos outros. Um d'esses grupos já estavam os tres ministros nomeados; outro accrescentava os nomes dos dois deputados, pela unica razão de os ter visto entrar n'um carro.

Ás tres horas já corriam versões de todo o gabinete, mas era tudo vago.

Determinámos não voltar para casa sem saber do resultado da crise, salvo se a noticia não viesse até ás cinco horas, pois era de máo gosto (disse-me o C...) andar na rua do Ouvidor ás 5 horas da tarde.

— Mas qual será o meio de saber? perguntei eu.

— Eu vou ver se colho alguma cousa, disse Ferreira.

Varios incidentes nos ião detendo a marcha: algum amigo que passava, uma mulher que sahia de uma loja, uma joia nova em uma vidraça, um grupo tão curioso como o nosso, etc.

Nada se soube n'essa tarde.

Voltei para o hotel da Europa afim de descançar e jantar; o C... jantou comigo. Conversámos muito do tempo da academia, dos nossos amores, das nossas travessuras, até que a noite veio e resolvemos voltar á rua do Ouvidor.

— Não era melhor irmos á casa do V..., pois que é elle o organisador do gabinete? perguntei.

— Primeiramente, não temos tamanho interesse que justifique esse passo, respondeu o C...; depois, é natural que elle não nos possa fallar. Organisar um gabinete não é cousa simples. Finalmente, apenas o gabinete estiver organisado cá saberemos na rua qual elle é.

A rua do Ouvidor é lindissima á noite. Estam os rapazes ás portas das lojas, vendo passar as moças, e como tudo está illuminado, não imaginas o effeito que faz.

Confesso que me esqueceu o ministerio e a crise. Havia então menos quem cuidasse de politica; a noite da rua do Ouvidor pertence exclusivamente á *fashion*, que é menos dada aos negocios do Estado que os frequentadores de dia.

Todavia, achámos alguns grupos onde se dava como certa a organisação do gabinete, mas não se sabia ao certo quem eram os ministros todos.

Encontramos os mesmos amigos da manhã.

Ora, justamente quando o Mendonça se dispunha a ir colher alguma cousa certa, appareceu o desembargador com o rosto alegre.

— Que ha?

— Esta organisado.

— Mas quem são?

O desembargador tirou do bolso uma lista.

— São estes.

Lemos os nomes á luz do lampião de um mostrador. O Mendonça não gostou do gabinete; o Abreu achou-o excellente; o Lima, fraco.

— Mas isto é certo? perguntei eu.

— Deram-me agora esta lista; creio que é authentica.

— O que é? o que é; perguntou por traz de mim uma voz.

Era um sujeito moreno e bigode grisalho.

— Sabe quem são? perguntou-lhe o Abreu.

— Tenho uma lista.

— Vejamos se combina com esta.

Costeáram-se as listas; havia engano n'um nome.

Mais adiante encontramos outro grupo lendo outra lista. Divergiam em dois nomes. Alguns sujeitos que não tinham lista copiavam uma d'elles, deixando de copiar os nomes duvidosos, ou escrevendo-os todos com uma cruz á margem. Corriam assim as listas até que appareceu uma com ares de authentica; outras foram apparecendo no mesmo sentido e ás 9 horas da noite sabiamos positivamente, sem arredar pé da rua do Ouvidor, qual era o gabinete.

O Mendonça ficou alegre com o resultado da crise.

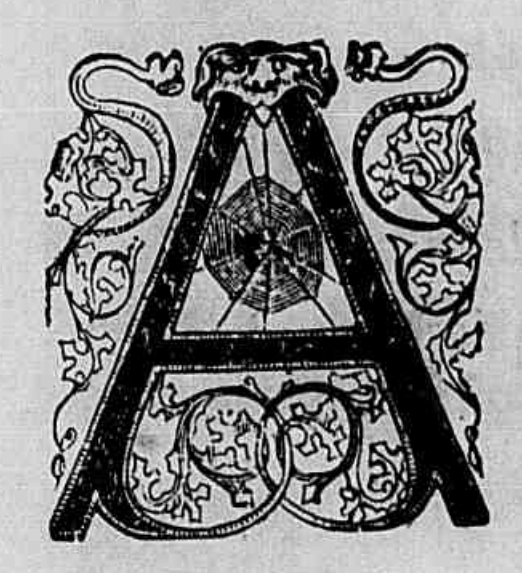
Perguntáram-lhe por que razão.

— Tenho dois compadres no ministerio! respondeu elle.

Aqui tens o quadro infiel de uma crise ministerial no Rio de Janeiro. Infiel digo, porque o papel não pode conter os dialogos, nem as versões, nem os commentarios, nem as caras de um dia de crise. Ouvem-se, contemplam-se; não se descrevem.

LARA.

O RELOGIO DE OURO.



gora contarei a historia do relogio de ouro.

Era um grande chronometro, novinho e trabalhando sobre umas quantas pedras preciosas. Luiz Negreiros tinha muita razão em ficar boquiaberto quando vio o relogio em casa, um relogio que não era d'elle, nem podia ser de sua mulher. Seria illusão dos seus olhos? Não era; o relogio alli estava sobre uma meza da alcova, a olhar para elle, talvez tão espantado, como elle, do lugar e da situação.

Clarinha não estava na alcova quando Luiz Negreiros alli entrou. Deixou-se ficar na sala, a folhear um romance, sem corresponder muito nem pouco ao osculo com que o marido a comprimentou logo á entrada.

Era uma bonita moça esta Clarinha, ainda que um tanto pallida, ou por isso mesmo; era pequena e delgada. De longe parecia uma criança; de perto, quem lhe examinasse os olhos, veria bem que era mulher como poucas.

Estava mollemente reclinada no sophá, com o livro aberto, e os olhos no livro, os olhos apenas, porque o pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte. Em todo o caso parecia alheia ao marido e ao relogio.

Luiz Negreiros lançou mão do relogio com uma expressão que eu não me atrevo a descrever. Nem o relogio, nem a corrente eram d'elle; tambem não eram de pessoas suas conhecidas.

Tratava-se de uma charada.

Luiz Negreiros gostava de charadas, e passava por ser decifrador intrepido; mas gostava de charadas nos almanachs ou nos jornaes de modas. Charadas vivas ou palpaveis, e sobre tudo sem conceito, não as apreciava Luiz Negreiros.

Por este motivo, e outros que são obvios, comprehenderá o leitor que o esposo de Clarinha se atirasse sobre uma cadeira, puxasse raivosamente os cabellos, batesse com o pé no chão, e atirasse o relogio e a corrente sobre a mesa.

Terminada esta primeira manifestação de furor, Luiz Negreiros pegou de novo nos fataes objectos, e de novo os examinou.

Ficou na mesma.

Cruzou os braços durante algum tempo e reflectio sobre o caso, interrogou todas as suas recordações, e concluio no fim de tudo que, sem uma explicação de Clarinha, todo o seu procedimento fôra baldado ou precipitado.

Sahio á sala.

Clarinha acabava justamente de ler uma pagina e voltava a folha com o ar indifferente e tranquillo de quem não pensa em decifrar charadas de chronometro. Luiz Negreiros encarou-a; seus olhos pareciam dois reluzentes punhaes.

— Que tens? perguntou a moça com a voz doce e meiga que toda a gente concordava em lhe achar.

Luiz Negreiros não respondeu á interrogação da mulher; olhou algum tempo para ella, e depois deu duas voltas na sala, passando a mão pelos cabellos, e fazendo outros gestos taes, que a moça de novo lhe perguntou:

— Que tens?

Luiz Negreiros parou defronte d'ella.

— Que é isto? perguntou elle tirando do bolso o fatal relogio e apresentando-lh'o diante dos olhos. Que é isto? repetio elle com voz de trovão.

Clarinha mordeu os beiços e não respondeu.

Luiz Negreiros esteve algum tempo com o relogio na mão e os olhos na mulher, a qual tinha os seus olhos no livro.

O silencio era profundo.

Luiz Negreiros foi o primeiro que o rompeu, atirando estrepitosamente com o relogio ao chão, e dizendo em seguida á esposa:

— Vamos, de quem é aquelle relogio ?

Clarinha ergueu lentamente os olhos para elle, abaixou-os depois, e murmurou :

— Não sei.

Luiz Negreiros fez um gesto como de quem queria esganal-a; conteve-se. A mulher levantou-se, apanhou o relogio e pôl-o sobre uma mesa pequena.

Não se pôde conter Luiz Negreiros.

Caminhou para ella, e, segurando-lhe nos pulsos com força, lhe disse :

— Não me responderás, demonio? Não me explicarás esse enigma?

Clarinha fez um gesto de dor, e Luiz Negreiros immediatamente lhe soltou os pulsos que estavam arrochados. N'outras circumstancias é provavel que Luiz Negreiros lhe cahisse aos pés e pedisse perdão de a haver machucado. N'aquelle nem se lembrou d'isso ; deixou-a no meio da sala e entrou a passear de novo, sempre agitado, parando de quando em quando, como se meditasse algum desfecho tragico.

Clarinha sahio da sala.

Pouco depois veio um escravo dizer que o jantar estava na mesa.

— Onde está a senhora?

— Não, sei, não senhor.

Luiz Negreiros foi procurar a mulher; achou-a n'uma saleta de costuras, sentada n'uma cadeira baixa, com a cabeça nas mãos a soluçar.

Ao ruido que elle fez na occasião de fechar a porta atraz de si, Clarinha levantou a cabeça, e Luiz Negreiros pôde ver-lhe as faces humidas de lagrimas.

Esta situação foi ainda peior para elle que a da sala. Luiz Negreiros não podia ver chorar uma mulher, e sobretudo a d'elle.

Ia enxugar-lhe as lagrimas com um beijo, mais de novo se conteve, e caminhou frio para ella; puxou uma cadeira e sentou-se em frente de Clarinha.

— Estou tranquillo, como vês, disse elle; responde-me ao que te perguntei com a franqueza que sempre usaste comigo. Eu não te accuso nem suspeito nada de ti. Quizera simplesmente saber como foi parar alli aquelle relogio. Foi teu pae que o esqueceu cá!

— Não.

— Mas então...

— Oh! não me perguntes nada! exclamou Clarinha; ignoro como esse relogio se ache alli... Não sei de quem é... deixa-me.

— É de mais! urrou Luiz Negreiros, levantando-se e atirando a cadeira ao chão.

Clarinha estremeceu, e deixou-se ficar aonde estava.

A situação tornava-se cada vez mais grave; Luiz Negreiros passeava cada vez mais agitado, revolvendo os olhos nas orbitas, e parecendo prestes a atirar-se sobre a infeliz esposa. Esta, com os cotovelos no regaço e a cabeça nas mãos, tinha os olhos encravados na parede.

Correu assim cerca de um quarto de hora.

Luiz Negreiros ia de novo interrogar a esposa, quando ouvio a vez do sogro, que sabia as escadas, gritando:

— Ó Sr Luiz! ó Sr malandrim!

— Ahi vem teu pae! disse Luiz Negreiros; logo me pagarás.

Sahio da sala de costura e foi receber o sogro, que já estava no meio da sala, fazendo vira-voltas com o chapéo de sol, com grande risco das jarras e do candelabro.

— Vocês estavam dormindo? perguntou o Sr. Meirelles tirando o chapéo e limpando a testa com um grande lenço encarnado.

— Não, senhor, estavamos conversando...

— Conversando?... repetio baixinho Meirelles.

E accrescentou consigo:

— Estavam de arrufos... é o que ha de ser.

— Vamos justamente jantar, disse Luiz Negreiros. Janta comnosco?

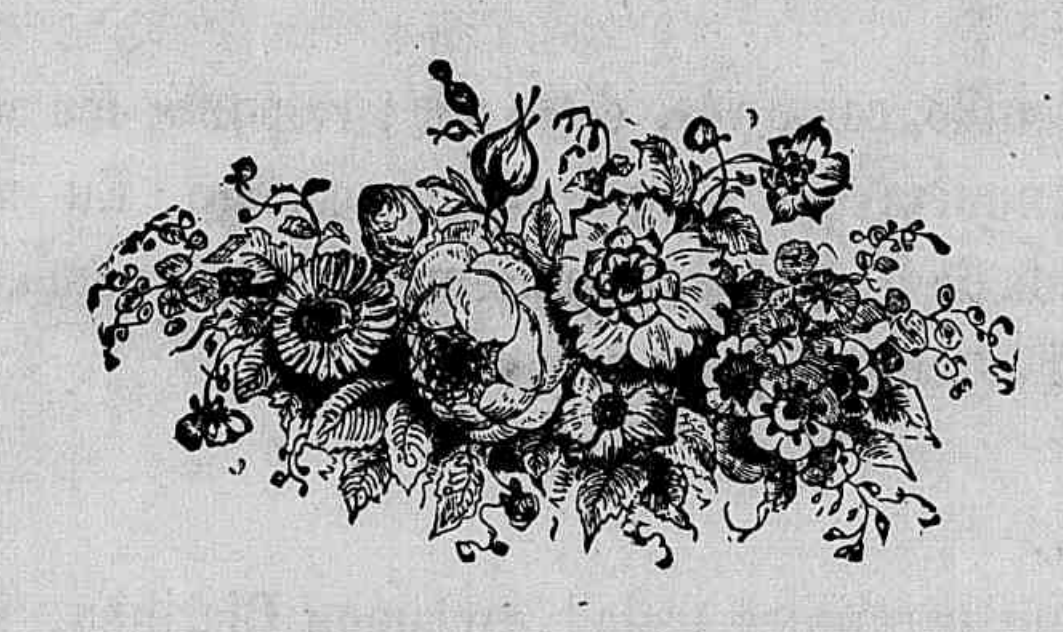
— Não vim cá para outra cousa, acudio Meirelles; janto cá hoje e amanhã tambem. Não me convidaste, mas é o mesmo.

— Não o convidei?...

— Sim, não fazes annos amanhã?

— Ah! é verdade...

(*Continuar-se-ha.*) JOB.



ECONOMIA DOMESTICA.

BOLO DE CLARAS D'OVAS.

Ponde n'uma forma untada de caramelo (assucar queimado e engrassado) 6 claras batidas completamente em espuma.

Tendo este bolo de crescer muito não deveis encher completamente a forma para não transbordar.

Collocai a forma n'um banha-maria; ponde-lhe em cima uma tampa de ferro com brazas e deixai cozinhar por espaço d'um quarto d'hora.

Despejai o bolo no prato, e fazei ferver durante 5 minutos, meia garrafa de leite com um pedaço de baunilha e assucar, conforme fôr de vosso agrado; deixai esfriar um pouco; batei as 6 gemmas e derramai-as lentamente no leite; reponde o leite no fogo; virai continuadamente até verdes que tem a consistencia de crême. Deixai arrefecer e derramai depois este crême em roda do bolo, do qual já tereis escorrido o caramelo que elle tiver deixado no prato.

Não vos faço a injuria, amaveis leitoras, de suppôr que não sabeis fazer ou mandar fazer uma fritada, mas como nas diversas casas onde tenho comido fritadas ainda não descobri uma que a soubesse fazer bem fôfa, tirei a conclusão que não é muito commum saber por que meio se obtem esse resultado; por isso espero que não me levareis a mal o explicar-vos hoje como se executa uma cousa tão trivial que chamaremos:

FRITADA FÔFA.

Batei extremamente os ovos, e antes de os deitardes na frigideira, onde tereis manteiga derretida, e bem quente, ponde-lhe bocadinhos de manteiga. Fazei a fritada com a maior ligeireza possivel e mandai-a á mesa.

Os ovos extremamente batidos, e os bocadinhos de manteiga introduzidos n'elles, antes de os deitar na frigideira, tornam bem fôfa esta fritada.

FRITADAS DE VARIOS MATIZES.

Fazei 4 fritadas fôfas e colori 1 com sumo de espinafres, 1 com polpa de tomates, 1 toda de claras d'ovos, e a ultima todo de gemmas; assim tereis 4 fritadas de 4 cores differentes que collocareis uma sobre a outra para produzir um agradavel effeito á vista.

PAULINA PHILADELPHIA.

MOSAICO.

ANECDOTAS.

Conhecia o duque d'Épernon que de momento a momento descia no conceito da côrte.

Descendo um dia a escada do castello de S. Germano ao passo que subia o cardeal Richelieu, que cada vez ganhàva mais consideração na côrte, perguntou-lhe este o que ha de novo?

Que eu desço e vós subis, tornou o duque intencionalmente.

Dois homens diziam diante d'uma senhora : é notavel como a miseria faz curvar os homens.

Porque é impossivel, tornou a senhora, que um sacco vasio fique de pé.

Um fidalgo hespanhol encontra um dia um menino tão occupado em segurar um cabrito que não lhe tirou o chapéo ao vel-o passar.

Tratante, diz o fidalgo, ousas não me tirar o chapéo ?

Senhor, torna o menino, eu o tiro immediatamente si V. Exª se apeia e segura um instante este cabrito.

Um seminarista fazia a leitura durante a refeição de seus collegas.

Chegou a um lugar em que disse : Chegáram os allemães...

Diga allemões, observou-lhe o reitor.

O seminarista repetio a palavra conforme lhe fora imposto mas perguntou com grande simplicidade : Devo ler tambem as notas?

Sim, tornou o reitor.

Nota do editor tornou o malicioso menino : « Leia-se allemães e não allemões como querem alguns ignorantes. » Poucos dias depois o menino foi despedido.

Alguns membros d'uma irmandade pedíram ao pregador que tinha de fazer o panegyrico de S. Estevão que não fosse muito prolixo. Elle para acceder a esse pedido sobe ao pulpito e diz ao auditorio : irmãos no anno anterior disse vos tudo o que sabia relativamente a S. Estevão e como nada tenho sabido de novo acerca d'esse santo, reporto-me inteiramente ao que já disse.

Um viajante tiritando de frio entrou um dia n'uma hospedaria onde havia um bom fogo crepitando na lareira; mas vendo que não se poderia aquecer n'elle pela grande agglomeração que havia de pessoas diante da dita lareira disse em voz alta ao criado : dê ao meu cavallo um cestinho d'ostras.

Ostras ao cavallo?! perguntou o criado admirado ; e elle as comerá?

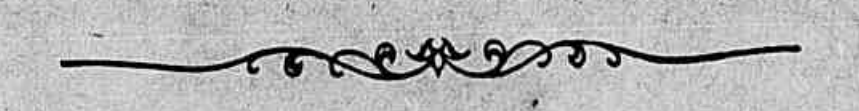
Faça o que lhe digo tornou o viajante.

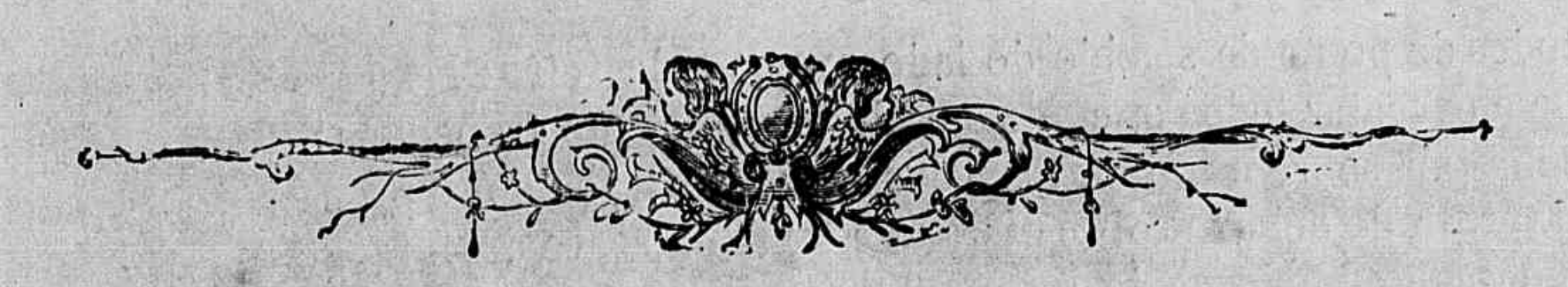
Immediatamente todos os que se estavam aquecendo seguíram o criado para assistirem ao espectaculo de ver um cavallo comer ostras.

A lareira ficou deserta e o viajante pôde aquecer-se satisfactoriamente.

O criado voltou dizendo : não vol-o tinha eu dito? elle não as quer. Ao ver porém a satisfacção com que o viajante se aquecia, comprehendeu a estratagema, maximamente quando este disse-lhe rindo : eu as comerei já que as regeita.

PAULINA PHILADELPHIA.





MODAS.

DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro vestuario para baile. — Vestido de tafetá côr de rosa tendo por cima outro de cassa branca, guarnecido com tres fôlhos alternados, tafetá e cassa. Corpinho e mangas guarnecidos da mesma maneira. Charpa de tafetá arregaçada sobre o hombro e formando *pouff* atraz. Penteado com flores de eloendro.

Segundo vestuario. — Trajo hespanhol; casaquinha figaro de veludo encarnado bordado com fios de ouro; corpinho decotado de setim branco formando duas pontas adiante e guarnecido com *guipure* preta. Saia de setim verde claro guarnecida com tres ordens de *guipure;* véo preto, flor de romeira nos cabellos.

Terceiro vestuario (*para menina*). *Trajo para baile mascarado.* (Epoca do Directorio.) Vestido de tafetá côr de palha; corpinho com largos revezes de tafetá azul, charpa encarnada formando cintura; saia aberta na frente; laços pequenos de setim azul enfeitando a frente; primeira saia guarnecida com laços de setim côr de palha; chapéo de veludo enfeitado com fitas azueis.

TRABALHOS.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
—DO—
RIO DE JANEIRO

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS E TRABALHOS.

Nº 1. — *Lambrequim para cercadura de chaminé, altar, parteleira* (étagère), etc. O nosso modelo era sobre cachemira azul, bordado com cordãozinho de retroz côr de palha em ponto *chainette;* os pontinhos do desenho eram

todos de ponto de serzido do lado avesso e de retroz branco; pode-se tambem executar todos os contornos do desenho com trancelins de côr viva que sobresaia sobre o fundo. Para executar este trabalho, é preciso tirar a contraprova do debuxo sobre cassa que tambem serve de forro, e que reproduz o desenho, alinhavando-o em pontos pequenos, de modo que seja reproduzido na parte direita da fazenda que se quer bordar como já explicámos.

Nº 2. — *Porta-relogio.* O ornato do meio é de madeira preta. O fundo sobre o qual se assenta o dito ornato é de talagarça *java*, sobre o qual se borda em ponto lançado, a bonita grinalda da cercadura; essa grinalda é uma mixtura de margaritas ou boninas do campo côr de rosa, alternadas com folhagem verde de côres differentes. As perolas do quadro são de madeira e seguem as sinuosidades do contorno exterior. Tudo se arma sobre uma folha de papelão muito encorpado, recortado na forma do nosso modelo, e que se forra com seda ou panninho.

Nº 3. — *Véo para poltrona em ponta de Veneza.* Este bonito desenho pode tambem servir para almofada redonda; mocho para piano, banquinho, etc. No primeiro caso o trabalho é feito sobre cassa em ponto de festão, recortando depois a fazenda debaixo das barrinhas. Querendo empregal-o para almofada, banquinho, etc., é preciso supprimir todas as barrinhas, fazer a obra sobre duas fazendas de côr differente, ou simplesmente de dois matizes : um mais claro, outro muito mais escuro, executar egualmente o trabalho todo de ponto festão, pregando as duas fazendas e depois recortando a fazenda da parte de cima nos lugares pretos indicados pelo desenho. Temos visto este trabalho executado sobre panno preto e tafetá côr de ginja, bordado com cordãozinho de seda côr de milho: e produzia um lindissimo effeito.

Nº 4. — *Quarta parte d'um guarda-luz feito em pontos.* Para fazer este guarda-luz, é preciso tomar uma folha de papelão branco, collocal-a debaixo do desenho e forrar com uma agulha grossa os contornos do desenho. Os pontinhos podem ser até maiores que no debuxo. Depois de ter repetido quatro vezes a mesma operação, ajuntando o desenho com cuidado, se fechará a roda do guarda-luz com um poucadinho de gomma applicada com um pincel. A obra será ainda de melhor effeito, ajuntando-lhe por cima um véo de papel fino com flores, seja encarnado, seja verde, recortado sobre o molde do guarda-vista antes de engrudal-o.

Nº 5. — *Cercadura de barrete grego para homem.* A grega do nosso modelo era de cordãozinho de ouro sobre fundo de veludo preto: a flor bordada com retroz em ponto *chainette* de côr natural, isto é as folhas verdes, a rosa côr de rosa, o amor perfeito roxo e a parte central amarella.

Nº 6. — *Bordado do fundo do barrete grego* que se executa como o nº 5, que acabamos de explicar. Para obter o desenho, é preciso tirar contraprova d'elle sobre cassa, como já se disse nº 1 (lambrequim).

Nº 7. — *Pequeno lambrequim* para parteleiras (*étagère*) altar, etc. Tudo é feito de ponto *chainette* e a fita maior de trancelim, seja de côr, seja de ouro, sobre qualquer fazenda e matiz com a condição especial que as côres sobresaiam e quadrem bem juntas.

Nº 8. — *Desenho para porta-charutos, carteira,* etc. Tudo é executado em ponto lançado e com retroz fino de côr natural.

Nº 9. — *Debuxo para chinella.* Tudo é executado em ponto de *chainette* com côr que sobresaia sobre o fundo.

Nº 10. — *Modelo de penteado* para baile e saráo.

Nº 11. — *Outro modelo de penteado* para baile e saráo.

Nº 12. — *Casaquinha* modelo novo : as costas são justas, a frente não é ajustada. Nosso modelo era de *poult de soie* preto, bordado com matizes naturaes; a passamanaria era preta, levemente misturada com as côres do bordado.

Nº 13. — *Costas* da casaquinha nº 12.

Nº 14. — *Trajo para menino* de 7 para 11 annos. A jaqueta, a calça e o collete são de panno azul escuro; o pequeno bordado de trancelim e os botões pretos tambem. O boné é da mesma fazenda com uma tira escosseza. Ás fitas e o laço do meio são pretos.

Nº 15. — *Trajo para menina* de 6 para 9 annos.

Primeira saia de *foulard* listrado com flores sobre fundo azul; segunda saia de tafetá azul, ornada com um macheado da mesma fazenda, e com um largo cinto de fita azul chamelotada; corpinho decotado, irmanado com a tunica; camisinha irmanada com a primeira saia. Essa camisinha pode ser substituida por outra de cassa.

Nº 16. — *Trajo para menina* de 7 para 11 annos. Vestido *blouse* de cachemira côr de ameixa, guarnecido com um pequeno bordado de trancelim preto. Um cinto com fivela de aço (*châtelaine*), aperta o vestido.

Nº 17. — *Enxuga-pennas*. Este enxuga-pennas e uma das novidades d'este anno. O desenho interior representa o enxuga-pennas depois de acabado ; o maior desenho que o cerca, representa o enxuga-pennas de tamanho natural, isto é, o chão que serve de fundo. Nosso modelo é feito com dois matizes de panno ; a parte superior com dentes agudos de panno azul; o dentado redondo (que apparece entre cada espaço de dente) de panno encarnado. O ponto de meia que junta o panno branco com o panno encarnado, é de cordãozinho azul; o bordado repetido sobre as duas fazendas, é de retroz amarello. As estrellas que formam grinalda sobre o panno branco , são de todos os matizes, côr de ginja, verdes, azueis, etc., misturadas com gosto.

O pequeno pato que orna o chão é de nacar branco ; suas azas e pescoço são lavrados e imitam as côres do pato chinez : elle serve para esconder uma abertura indicada por um circulo com pregos dourados. O pato abre-se pelo meio e forma uma caixinha para as pennas de aço. O fundo e o pato se collocam sobre canudinhos (em forma de papeliços) de panno preto, dispostos sobre um rhombo de panno preto, tambem do mesmo tamanho que o chão do desenho : esses canudinhos servem para enxugar as pennas : elles excedem de alguma cousa os dentes encarnados.

Nº 18. — *Casaquinha para interior de casa* de *poult de soie* côr de ginja, bordado com trancelim preto. A frente se abre em ponta como as costas. A algibeira de lado é fingida. O bordado da frente forma ponta como as costas. O cinto que apparece debaixo das abas é preto como o bordado.

Nº 19. — *Lembrança. Plumetis*; salpicos e cordãozinho.

Nº 20. — *Trajo para menino* de 5 para 8 annos. O pequeno paletó é de panno apellucido azul, os alamares pretos assim como a golla que é de veludo.

Nº 21. — *Outro trajo para menino* de 5 para 8 annos. Jaqueta , collete e calças de veludo verde escuro, meias encarnadas, largo cinto de seda encarnada, collarinho á marujo, gravata de seda encarnada.

Nº 22 até 27. — *Nomes e iniciaes ornados.*

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

VERSO DA PRECEDENTE ESTAMPA DE BORDADOS.

Molde d'um vestido para criança de 3 *para* 6 *annos.*

Nº 1. — *Frente.* A linha com pontos perto do pescoço indica o lugar aonde é preciso cortar, querendo ter o vestido decotado. Quando se quizer ter o vestido afogado, cortar-se-ha o molde tal qual como elle está, seguindo a linha que marca a frente.

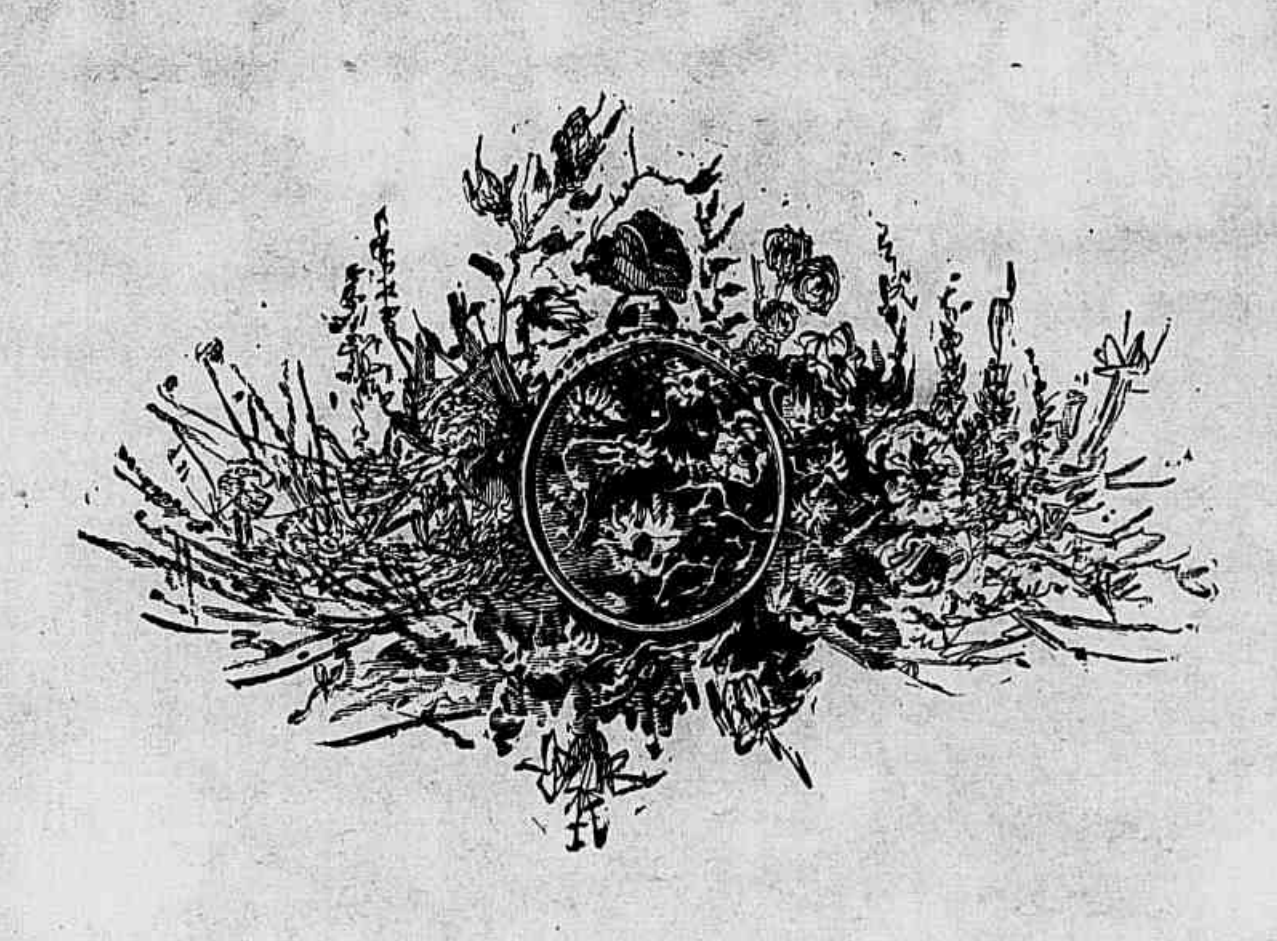
Nº 2. — *Costas.* A linha com pontos indica tambem o vestido decotado, como já se explicou á respeito da frente.

Nº 3. — *Pequeno lado.*

Nº 4. — *Manga* que se corta d'um pedaço só. A linha em pontos indica o meio da manga. Na outra metade torna-se a repetir o bordado. A costura da manga não vai além da lettra M.

Este pequeno vestido de molde tão novo como elegante, é lindissimo. O nosso modelo era de cachemira azul bordada em ponto de *chainette* e de lã branca. Vimos o mesmo modelo côr de cinzas bordado com azul. Para executar este vestido, tira-se contraprova do molde e do desenho sobre cassa. D'esta cassa, dobra-se a fazenda que não se deseja bordar, e no caso de não querer se dar o trabalho de alinhavar o desenho todo para reproduzil-o sobre o direito da fazenda, borda-se sobre o traço marcado com lapis na cassa, isto é do lado avesso. Este bordado é reproduzido do lado direito com pontinhos pespontados e diz muito bem, até melhor do que o trancelim. Se não se quizesse tomar o trabalho de bordar, a guarnição do vestido poderia ser de tres ordens de galão ou outro qualquer enfeito conforme o gosto.

Nº 5 até 31. — *Nomes e iniciaes ornados.*



Paris. — Typographia de G. Chamerot, rua dos Santos-Padres, 19.